

Etnoeducação Potiguara: memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais

Ethnoeducation potiguara: memory of the old trunks,
cosmology and existential knowledge

*Joselma Bianca Silva de Souza Mendonça*¹
*José Mateus do Nascimento*²
*Lusival Antonio Barcellos*³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a importância dos Troncos Velhos na condição de portadores da memória e do conhecimento na Etnoeducação Potiguara. Guardiões de uma tradição indígena milenar os sábios anciãos se apresentam como eixos centrais no processo de transmissão do conhecimento por trazerem consigo uma bagagem com suas histórias e memórias, expressas em torno de uma educação pautada pelo espírito coletivo, para edificar valores espirituais e sagrados no meio da etnia. A arte de educar e a memória dos Troncos Velhos apresentam legados guardando valores que se configuram em uma pedagogia ancestral. Longe dos muros das escolas convencionais e da educação formal esse modelo sobrevive como prática cotidiana e traz uma herança movida pelo sentimento de pertença que se manifesta no respeito pela Mãe Terra e seus elementos cujos valores se traduzem numa pedagogia da existência. O estudo trata de uma revisão bibliográfica sobre o tema etnoeducação em diálogo com etnografias acerca dos Potiguara. Sobre os aportes teóricos dialogamos com Nascimento (2017), Barcellos (2014), Freire (2020) e Eliade (2018; 2017). Os Troncos Velhos assumem o protagonismo, possuindo voz e vez no meio da comunidade Potiguara, saem do plano humano para adentrar o existencial porque suscitam valores e conduzem o grupo num movimento perene, fortalecendo a cada dia com suas histórias e experiências transcendentais, a espiritualidade, a etnoeducação e a identidade étnica dos indígenas que habitam o Litoral Norte do estado da Paraíba.

¹ Mestre e Doutoranda em Ciências das Religiões (PPGCR-UFPB). E-mail: joselmabianca8@gmail.com.

² Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN, Natal-RN. E-mail: zenmateus@gmail.com.

³ Professor Associado do Departamento e da Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), da UFPB. E-mail: lusivalb@gmail.com.

Palavras-chave: Povo Indígena. Potiguara da Paraíba. Troncos Velhos. Etnoeducação. Existência

Abstract

This article aims to discuss the importance of Troncos Velhos as a bearer of memory and knowledge in Potiguara Ethnoeducation. Guardians of a millenary indigenous tradition, the wise elders present themselves as central axes in the process of transmitting knowledge by bringing with them a baggage with their stories and memories, expressed around an education guided by the collective spirit, to build spiritual and sacred values in the middle of ethnicity. The art of educating and the memory of Troncos Velhos presents legacies keeping values that are configured in an ancestral pedagogy. Away from the walls of conventional schools and formal education, this model survives as a daily practice and brings a legacy driven by the feeling of belonging that is manifested in the respect for Mother Earth and her elements whose values translate into a pedagogy of existence. The study deals with a bibliographic review on the theme of ethno-education in dialogue with ethnographies about the Potiguara. About the theoretical contributions we spoke with Nascimento (2017), Barcellos (2014), Freire (2020) and Eliade (2018; 2017). Troncos Velhos take the lead, having a voice and time in the middle of the Potiguara community, leave the human plane to enter the existential because they raise values and lead the group in a perennial movement, strengthening each day with their stories and transcendent experiences, spirituality, the ethno-education and the ethnic identity of the indigenous people who inhabit the North Coast of the state of Paraíba.

Keywords: Indigenous People. Potiguara of Paraíba. Old Logs. Ethnoeducation. Existence

Introdução

O mundo ocidental sempre negligenciou as diferentes visões de mundo apreendidas na história dos *contatos*, de modo que o olhar etnocêntrico e a visão unilateral muito contribuíram para produzir um imaginário marcado pela intolerância aos povos historicamente conquistados e explorados. Esse paradigma perpassou o tempo, vivendo como sombra que, de certa forma, tentou diluir as raízes tradicionais. A etnia Potiguara, de alguma maneira,

sofreu essas incursões, por mais de quatro ciclos de uma história de dominação que influenciou nas maneiras de interlocução cultural com a dimensão sagrada.

Durante as últimas décadas do século XX, ocorre o processo de emergência étnica, conduzindo esses indígenas a se engajarem em movimentos em defesa de suas origens. Este fato representou um avanço na trajetória dessa gente, o que fomentou novas linhas de interpretação e de investigação sobre o seu passado.

O que se percebe é que, nos caminhos oriundos da história, houve entre essa gente, uma readaptação à aldeia global, antenados às novas tecnologias, onde valores da tradição e modernidade se confundem. São essas linhas sinuosas existentes no meio da etnia que se constituem em objeto de estudo de pesquisadores que se debruçam sobre sua realidade para conhecer melhor os valores dessa gente e compreender o seu universo subjetivo.

É bem sabido, que há um processo de hibridações culturais que, por vezes, se confundem no meio do grupo indígena Potiguara, e que essa realidade é fruto de uma herança histórica de imposições culturais e que, de certa forma, tem influenciado o modo de vida dos povos autóctones que habitavam o Litoral do Brasil. Por essa razão, os Potiguara trazem consigo elementos da pluralidade religiosa, tornando evidentes nas aldeias indígenas dos municípios paraibanos de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, matrizes religiosas de origem católica, de origem protestante e de origem afro, ambas, convivendo imbricadas à tradição indígena. (MENDONÇA, 2014).

Contudo, é notório que no imaginário indígena, a importância da natureza, o movimento da vida, a colheita, a pesca e o cultivo, são práticas culturais que são movidas pela força do cosmo e dos antepassados, por eles preservadas até hoje. Para plantar, é preciso perceber o tempo, sua evolução, as estações, as fases da lua e o pôr do sol. Na natureza, tudo tem significado. Os ecossistemas e suas múltiplas transformações movem a vida e dão contorno ao

mundo do imaginário indígena. Uma das estratégias de sobrevivência que se expressa enquanto movimento de luta no meio Potiguara é alcançar a terra sem mal⁴, cujo propósito seria viver em uma sociedade onde perdurassem os princípios de igualdade e de justiça entre todas as tribos indígenas, longe da opressão do branco colonizador.

É nessa perspectiva, que se fortalece o movimento de resistência. Esse imaginário perpassa as gerações e serve de justificativa para a defesa não só da cultura, mas envolve questões que se dão em torno da espiritualidade, etnicidade e territorialidade. Essa constitui uma das prerrogativas para permanecerem ainda, depois de tanto tempo, no mesmo lugar.

Apoiados nesses princípios, buscam algumas saídas para superar as adversidades que por ora se apresentam como desafiadoras. Firmados no espírito de preservação da cultura indígena, os Potiguara frequentam universidades e através dos estudos, apresentam à sociedade os valores da tradição e a resistência como exemplos de que é importante ser indígena, ainda que haja interação com os atrativos da modernidade.

Fundamentando a dinâmica de viver segundo os valores da cultura Potiguara, estão os Troncos Velhos que, com sua sabedoria, se encarregam de conduzir a sociedade Potiguara no movimento de luta constante. Desta vez, pela oralidade, esses sábios anciãos se apresentam enquanto defensores da identidade e da espiritualidade indígena. São eles que a cada dia promovem um modelo de educação perene que se traduz no respeito, nos valores da família e na valorização da vida e da natureza. Seus ensinamentos produzem energia e suscitam novos paradigmas pautados na valorização da tradição Potiguara.

⁴ Terra sem mal, faz parte de um imaginário próprio dos povos indígenas do grupo tupi guarani. Esse imaginário se justifica em habitar a terra sem imposições ou escravidão. Apesar de ser uma narrativa específica desse grupo, o termo perpassou outras etnias e motivou um movimento de resistência e de reafirmação dos valores ancestrais. Para aprofundamento de estudo, ver (CLASTRES, 1978).

O presente estudo trata de uma revisão bibliográfica sobre o tema etnoeducação Potiguara, em diálogo com etnografias realizadas e os aportes teóricos de Nascimento (2017), Barcellos (2014), Freire (2020) e Eliade (2018; 2017).

1- A trajetória dos Potiguara: lutas e resistências em defesa da Terra Mãe

Identificados na história escrita pelos invasores como bravos e arredios, os Potiguara tornaram-se conhecidos desde 1501, pela maneira de promover rituais mágicos e por suas lutas e resistências, havendo a etnia ocupado uma área que compreendia parte do litoral do nordeste brasileiro (COQUEIJO, 2020). Atualmente, os Potiguara ocupam um território de 34.756 hectares, com uma população de aproximadamente 20 mil indígenas, residindo em 33 aldeias, ambas situadas entre os municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto (BARCELLOS; SOLLER, 2012). É um número bastante significativo, que faz desses remanescentes uma das maiores populações indígenas do Nordeste etnográfico (BARCELLOS, 2012).

Reforçando essa afirmação, Palitot e Albuquerque, (2002, p. 137), complementam dizendo que os Potiguara ocupavam

[...] um território que se estendia pela costa nordestina entre as atuais cidades de João Pessoa (capital da Paraíba), e Fortaleza, no Ceará. Na Paraíba, ocupavam o Litoral Norte, principalmente no vale do rio Mamanguape, da baía da Traição até a serra da cupaoba – atual Serra da Raiz – onde possuíam, de acordo com os cronistas portugueses, 50 aldeias.

A insistência em permanecer no mesmo território durante séculos, revela de certa forma, a resistência dos Potiguara como grupo social organizado, cujos

atores sociais se definem pela bravura e pela sua estrutura mítica e imaginária que ainda se percebe no presente. É no encaço dessa realidade operante, que não se pode remover o espaço sob qual não somente habita essa gente, mas se constrói em relações harmoniosas e de familiaridade, que se configura na seguinte expressão: “[...] é a *terra-mãe* e os encantados que nela vivem para nos sustentar.” (MARIA NILDA, informação verbal, mar. 2020). Essa afirmação, não só justifica os Potiguara como defensores de um território: ela traz sentimento profundo de afetividade e de cumplicidade sobre o espaço natural, sendo ele elemento de sobrevivência.

Os Potiguara carregam consigo uma história de luta que iniciou no século XVI e que se perpetuou até final do século XXI, configurando-se em novas formas de domínios sobre o seu território, divididos em quatro ciclos de dominação de grupos econômicos que se instalaram em suas terras para investirem no capital estrangeiro e renderem lucratividade no negócio do açúcar e na confecção de tecidos (BARCELLOS, 2014).

Entretanto, foi a partir do século XIX, especialmente nos anos 1980, que os indígenas alcançaram visibilidade por conta das manifestações que promoveram na busca de direitos e garantias de vida coletiva enquanto nação politicamente organizada. Para recuperar as origens, os ressurgentes indígenas se engajam numa luta constante que se configurou nesse mesmo período na autodemarcação de suas terras, reivindicando dessa forma do poder público um posicionamento quanto à legalização desses territórios auto demarcados.

Atualmente, as questões que se referem à demarcação de território indígena ainda não foram efetivadas plenamente e os movimentos de reivindicação continuam. Entre embates e resistências, há negociações que para esse povo, ainda deixam grandes lacunas a serem preenchidas.

A história dos Potiguara se conecta à ideia de que o processo de silenciamento e invisibilidade, de massacre na história, compõe uma trajetória

de mais de 500 anos, unidos entre si pelos variados ciclos de opressão. Mas, mesmo assim, elementos da memória ainda denunciam uma sociedade que sobrevive possuindo a ancestralidade como legado. Para Moretti e Adams (2009, p. 449),

Trata-se de um colonialismo de violência, em que a civilização moderna se julga superior, o que lhe autoriza a desenvolver os mais primitivos e bárbaros castigos e a impor processos educativos que assume a Europa como referência. A violência colonial procurou dizimar homens e mulheres.

O colonialismo, por diversas vezes, tentou extinguir a cultura dos povos autóctones, porém esses remanescentes não ficaram no esquecimento porque buscaram meios de sobrevivência que serviram como enfrentamentos no decorrer de sua trajetória. Diante do cenário histórico que envolve luta e resistência, surgem personagens, cujas mentalidades e experiências de vida, movem a tradição oral. Com o intuito de recuperar a história dos antepassados, as memórias e as narrativas dos anciãos constituem um legado, tornando-os instituição imortalizada da cultura Potiguara. São esses guardiões que transmitem os saberes dos ancestrais para as novas gerações, presentes no contato com a Mãe Terra e as riquezas nela existentes.

Guardiões de uma tradição milenar, os mais velhos do lugar conhecem os segredos da natureza e através dos seus movimentos se organizam para promover também suas jornadas espirituais. Munidos de práticas pedagógicas em torno de uma educação diferenciada, esses anciãos se apresentam como protagonistas de uma herança ancestral que se move no decorrer do tempo e sobreviveu através de suas narrativas.

O protagonismo que os Troncos Velhos exercem no meio da etnia, se justifica pelo cultivo desse imaginário, com a ideia de que, segundo os moradores locais, é a experiência contida que lhes dá propriedade para discutir

e educar as crianças e os mais jovens de sua gente. Nesse universo que une a arte de educar, se revela uma pedagogia ancestral munida de representações e de sacralidade que, diferente dos conteúdos propostos nas escolas convencionais, provoca um movimento de pulsões subjetivas que envolve nostalgia, pertencimento e etnicidade.

É sob nessa perspectiva de sacralidade perene presente nos ensinamentos desses guardiões da memória, que se move o espírito de resistência, de identidade e de etnicidade dos indígenas que habitam o litoral Norte do Estado da Paraíba.

2 - O Sagrado e o ser indígena: cosmologia e saber existencial

A ciência nos dias atuais se move pelas verdades provisórias, porque aquilo que foi descoberto hoje e tomado como verdade, algum tempo depois pode ser refutado, devido às mudanças que ocorrem no cotidiano das gerações e das inovações. Essa discussão de verdade é muito antiga e profunda. Todavia, em meio aos avanços da ciência e da tecnologia, surgem também outras inquietações que se debruçam em torno de questões sobre a existência humana. Diante dos conflitos existenciais e respostas inacabadas, a figura do sagrado aparece, trazendo ao homem, um mundo que lhe faça sentido. Ora em forma de objetos, ora em fenômenos naturais, o sobrenatural se manifesta e conduz a pessoa humana e sua trajetória de vida tanto biológica quanto social e espiritual.

Os povos antigos entendiam a dimensão sagrada dentro de sua realidade cultural, longe de instituições ou dogmas estabelecidos. Por essa razão, há entre os nativos, a ideia de que o sobrenatural se manifestava no cosmo e nos seus elementos. Nesse sentido, é possível dizer que as comunidades tradicionais dos povos indígenas possuem suas devoções com seus conceitos de sagrado. Em

alguns grupos como o Tupinambá, o sagrado é visto como Monã, para os Guarani como Nhanderu, os Potiguara o chamam de Tupã, o deus criador e cumpridor de promessas e de milagres, que manifesta no cosmo o seu poder de comunicação, influenciando assim a vida dos mortais. De uma forma ou de outra, trata-se da mesma divindade que há milênios tem permanecido fiel, conduzindo os parentes próximos e distantes com suas histórias, preservadas por meio dos rituais e, sobretudo, nas ações educativas.

No plano que gira em torno da dimensão sagrada, os indígenas constroem uma lógica de argumentação para manter viva a sua cultura. A crença no espírito dos antepassados como também em outras entidades espirituais possui significado de valor para aqueles que ainda preservam a tradição.

Os indígenas, carregam consigo experiências transcendentais que ultrapassam as fronteiras da história, permanecendo vivas com a mesma intensidade através dos espaços que consideram lugares confessionais da divindade.

Na realidade Potiguara, o sagrado reflete a uma série de realidades encarnadas na vida, no subjetivo e nas ações cotidianas (visíveis) dos indígenas, e sobrevive enquanto crença e enquanto prática, pois é visto em todas as coisas, desde um culto cristão que ocorre no interior das igrejas, a um objeto da tradição. É conhecido como divindade criadora do cosmo e da vida, podendo assim intervir na vida humana por meio de espíritos e entidades, de fenômenos naturais, influenciando na crença, nos atos celebrativos, nas ações diárias, nos espaços físicos e, sobretudo, no mundo subjetivo. É o sagrado que intervém nas ações da natureza e em todo o seu ecossistema, revelando ao Potiguara um tempo perene, tempo que condiz à sua existência (MENDONÇA, 2014).

Para o indígena, o sagrado que emana dos fenômenos naturais e dos lugares de encanto, é a mesma divindade que se manifesta nos altares das

capelas, acolhendo sem distinção a todos aqueles que procuram o seu refúgio. (BARCELLOS, SANTOS, 2018). Entre o divino e a natureza, há uma relação de comunhão e de cumplicidade porque o sagrado se manifesta no silêncio das matas, nas furnas, nas águas, no mar e na atmosfera, sendo ele o coração e as artérias da vida humana, animal e vegetal.

Ao contemplar o sagrado e toda a sua obra criadora, reverbera no indígena o respeito ao meio ambiente e a preservação de toda a espécie de vida que habita o planeta, revelando sem distinção a ética do humano (FREIRE, 2020), como nos revelou o senhor Francisco Aureliano dos Santos (Aldeia São Francisco *apud* MENDONÇA, 2014), quando ao concluir o ritual em homenagem ao Dia do Índio, no dia dezenove de abril, no terreiro sagrado, exclamou em voz mansa e suave:

Salve, salve as mata, salve, salve as ondas do mar, salve, salve nosso Sinhô Jesus Cristo, salve, salve a rainha do mar e salve a mãe natureza. Salve, salve as profundeza das águas, salve o sol, a lua e as estrela, salve o terrero sagrado e salve as árvore que aqui istão. Muito obrigado! (Francisco José dos Santos, p. 196)

O espírito de resistência indígena se move em torno de uma dinâmica que integra o homem, a cosmologia e o tempo cíclico. Quando invocados, os fenômenos naturais agem contra o devir e contra o caos, e garantem existência do grupo em meio às necessidades biológicas, espirituais e culturais. Nesse campo de múltiplas dimensões na relação do homem com o ambiente natural, outros conteúdos são pontuados e se alinham a uma nova perspectiva: a de preservação da própria espécie. Os gestos de agradecimento nada mais são que a expressão do reconhecimento à criação e aos seus elementos naturais como garantia de sua sobrevivência e da valorização da própria identidade indígena.

Na sociedade em que os valores capitalistas se encontram como plano principal para mover a sociedade de consumo, o Potiguara se apresenta com

um novo paradigma em construção, com a premissa de que ninguém é dono de nada e tudo o que existe é de todos, pertence a todos. Nessa visão de mundo, se constrói uma lógica que busca nos saberes ancestrais alimento para a história desse povo. Conhecer os saberes da ancestralidade, significa entrar em sintonia com os elementos da Terra Mãe, símbolo de fertilidade e de lutas; significa reverenciar a luta dos antepassados indígenas.

É na Terra, onde se firmam valores, cujos fundamentos se movem em torno dos 4 elementos: água, fogo, ar e o próprio elemento solo (BARCELLOS, SANTOS, 2018). Na terra está a condição de vida e sobretudo, a história que se perpetua nos mitos e nos encantados, nas lendas que são partilhadas dia a dia. É na terra que se constrói o sentimento de pertencimento.

Por esse motivo, se constitui em riqueza maior no meio do grupo. Mais que a conquista do espaço, significa manter com ele, uma relação de familiaridade, significa preservar a espiritualidade. A terra representa a baliza de sustentação da vida humana e espiritual da própria etnia indígena. Essa visão de mundo propõe uma nova pedagogia, cuja dinâmica ancorada nos valores da Terra Mãe, servem como conteúdos prioritários essenciais para se compreender a lógica e a estrutura da etnoeducação Potiguara, pois é privilegiando os espaços da natureza e a família, que a educação floresce de maneira simples e significativa, de modo que, são nesses espaços onde residem os encantados e os antepassados. A filosofia de vida que direciona a sociedade indígena tem nos anciões modelo de uma educação que privilegia as memórias. Aprender com eles sobre a história e a vida dos antepassados Potiguara é algo de extrema importância. Segundo Nascimento e Silva (2017, 76):

[...] entre os Potiguara ocorre a valorização das pessoas idosas, aqueles que são considerados “guardiões da memória” e das tradições pertinentes a razão de existência da etnia. As novas gerações são estimuladas a reverenciarem aos que possuem maiores experiências socioculturais. Eles são testemunhas de

um passado que precisa ser rememorado, reatualizado no cotidiano das aldeias, no seio das práticas escolares, na construção das novas mentalidades sobre o ser índio no Litoral Norte da Paraíba.

Sob o espírito de luta pela ancestralidade, se move o pensamento dos anciãos Potiguara, tornando-os instituição imortalizada da própria etnia. São eles que conduzem as práticas tradicionais que acontecem no meio da sociedade indígena, que reverberam em ações de comunhão fraterna entre as famílias indígenas, ações essas que são sempre coletivas.

Essas práticas, assumem outras conotações, que se destinam nas ações cotidianas, quando um parente necessita de alguma comida para se alimentar, quando juntos se organizam para pescar ou catar mariscos, quando produzem o beiju, quando durante a comemoração da Semana Santa, se dirigem à cidade para trocar alimentos como mangaba, beiju por peixe (BARCELLOS, 2014); também o espírito da comuna está presente nos rituais, quando unidos, se dirigem para o terreiro; está também nos trabalhos manuais, nas reuniões coletivas que ocorrem com as lideranças dentro da comunidade, e quando promovem movimento para reivindicar seus direitos na sociedade.

A filosofia de vida que move os Potiguara, está em movimento constante e perpassa os espaços da família e da vida cotidiana, alcançando o ambiente escolar (BARCELLOS 2014). De acordo com os mais velhos, esse movimento é importante para não perder de vista o ponto de partida em que se constitui a cultura e a identidade de sua gente. É necessário não somente ter conhecimento, mas levar em conta o contexto em que ele é transmitido, conciliando valores entre a teoria e a prática, pois, para os mais velhos, só se aprende quando se houve e se põe em prática. E, se o que se ouve, se põem em prática, o conhecimento materializa-se e se fortalece enquanto elemento da objetividade. Nisso consiste a “[...] etnoeducação Potiguara e a pedagogia da existência.” (NASCIMENTO; SILVA, 2017).

Essa dimensão revela bem a importância de se compreender de que não existe teoria sem a prática, e de que ambas devem andar em comunhão para a construção dos saberes existenciais. Para Nascimento e Silva (2017, p. 78),

A pedagogia existencial consiste na aprendizagem de um conjunto de saberes, relacionados à sobrevivência não apenas dos sujeitos, mas das comunidades indígenas e, inclusive, da essência identitária de um povo que resiste durante cinco séculos no Vale do Mamanguape-PB.

A pedagogia existencial congrega elementos da natureza em torno de lições de vida e, ao mesmo tempo reafirma o espírito que se pauta na ética e valorização do humano (FREIRE, 2020). Nesse sentido, na relação com o ambiente natural, os indígenas dão o seu recado para o mundo, apresentado outros valores, incorporando no dia a dia, uma pedagogia cujos conteúdos se mostram edificantes. Em cada lição, trazem consigo a certeza de que não estão sozinhos: é a Mãe Terra que lhe dá todo o sustento e fortalecimento para continuar as lutas diárias. Nesse movimento em que se operam o ciclo da natureza, o ciclo da vida interior também se refaz.

3 - Lugares da memória: o sagrado no espaço Potiguara

A dimensão sagrada é uma marca presente em todas as culturas. Sejam orientais ou ocidentais, todas elas possuem a necessidade de conhecer as suas origens. Nesse caminho de buscas perenes, movidas por uma nostalgia do paraíso celeste, estão estórias, lendas épicas que dão contorno ao mundo imaginário entre as mais distintas realidades. Alimentadas pelas visões de mundo, surgem leis e pedagogias movidas pela força do cosmo e dos antepassados. Essa lógica, explica bem o pensamento de Alves (2010, p. 95), quando afirma que “o mundo do sagrado não é uma realidade do lado de lá, mas a transfiguração daquilo que existe do lado de cá.” Logo, necessariamente,

o sobrenatural é força que transcende, porque passa de um plano do imaginário para tornar-se uma realidade absoluta entre os indivíduos.

Na relação do homem com o sagrado, nascem valores, paradigmas, crenças, criando um mundo de significados por meio de objetos e lugares. Para Eliade (2018, p. 54-55), desse contato, há uma satisfação perene, que se traduz pela manifestação de ambientes de encontro, lugares de descobertas, símbolos sagrados, que passam por “[...] hierofanias, tornando válidos os elementos do cosmo como modelos dos gestos da criação.”

Nessa perspectiva, Eliade nos apresenta a figura do sagrado no sentido pleno, não apenas com o sentido religioso, mas o sagrado como dimensão de significação. Assim, os espaços e outros elementos podem se tornar sacralizados, e tudo aquilo que é tomado como verdade, como valor de significação a partir dos valores de um determinado grupo e de seus referenciais, torna-se também produto de uma manifestação absoluta. Tanto os espaços como as pessoas tornam-se importantes no plano da espiritualidade, porque foram socialmente ressignificados, porque dão sentido àquela realidade, sob a qual se ressignificam da mesma forma as tradições, reatualizando os valores de um grupo.

Os Potiguara preservam também suas histórias e reatualizam suas memórias através de espaços que consideram sagrados. No entorno das aldeias Potiguara, é fato comum se deparar com algumas edificações. Algumas delas são construídas pelos próprios indígenas; outras são ambientes naturais, edificados pela própria natureza. Para os indígenas, os templos são portadores de energias positivas, sob as quais estão em constante ressonância os seres espirituais, os encantados e a divindade. De modo que, na realidade Potiguara, “As furnas, a oca, o terreiro são espaços sagrados onde os indígenas invocam seus ancestrais e praticam o ritual Toré.” (NASCIMENTO; FARIAS; BARCELLOS, 2017, p. 42), como também nesses mesmos lugares, realizam

encontros individuais, quando algum parente necessita estar sozinho para manter correntes espirituais.

Quando em colóquios com Dona Maria Nilda Faustino Batista (*apud* MENDONÇA, 2014, p. 206), nos referimos aos seres e lugares sagrados, ela não pensou duas vezes em responder que “Sagrado são os astros, a terra, a água doce, as matas.” Esse conceito de sagrado é muito comum no meio indígena porque segundo os Potiguara, a natureza transmite harmonia e anuncia a cada alvorecer a presença do divino.

Para os Potiguara do município de Baía da Traição (PB), a natureza e a terra são imanes, consideradas fontes de energias espirituais, contribuindo para esse universo de plenitude e magnitude, como afirma Barcellos (2014, p. 121), quando diz que “A mãe Terra abriga lugares de encantos”. A terra constitui o espaço sagrado, onde emanam as forças espirituais e,

A natureza é para os índios, lugar poderoso, capaz de renovar e transmutar tudo o que é ruim em energia vital. Quanto mais o índio penetra na natureza, mais solidifica e fortalece sua aliança com a mãe natureza. A sinfonia dos animais, agregada com a fertilidade da natureza, os aromas das plantas e toda a atmosfera espiritual dos ancestrais, dos encantos e dos espíritos de luz, renovam e purificam suas vidas [...] Para os Potiguara, os encantos, os aliados que protegem a natureza e os lugares dos rituais, fazem parte da cosmovisão indígena. Na mãe terra, existe vida mineral, vegetal; é lá onde moram os espíritos, os ancestrais e os encantados. (BARCELLOS, 2014, p. 93-124).

Há dessa forma, uma relação de cumplicidade entre o indígena e o cosmo, o qual ele atribui significado de valor. É sob essa perspectiva que se traduzem afeto e sentimento na relação do Potiguara com a natureza, a qual considera como uma mãe de útero fértil que cuida de seus filhos promovendo vida. Complementando esse pensamento, os Potiguara cultivam a espiritualidade em diversos outros templos que, “Especificamente, são os altares naturais [...] as copas das árvores, as margens dos rios e as matas; [...]”

(NASCIMENTO; BARCELLOS, 2017, p. 21). Toda a vegetação é venerada no meio indígena. Tal sensibilidade é mais frequente entre os mais velhos, os sábios anciãos que guardam consigo segredos de experiências transcendentais sobre esses espaços.

Além da terra, existem outros lugares tidos como sagrados entre os indígenas que são: as encruzilhadas, o terreiro e os cemitérios. (BARCELLOS, 2014). Os referidos espaços são importantes na cosmovisão Potiguara porque preservam muitos mitos em suas narrativas, tornando-se lugares de poder e de revelações.

Como lugares de visitas, os cemitérios são sempre valorizados, não necessariamente somente em dia de finados. Os indígenas costumam visitar esses lugares para organizar a cova de um parente que já se foi, roçando o mato velho que lá se encontra, colocando flores no lugar e regando a terra, recordando o gesto singelo de quem está cuidando de um roçado: semeando para esperar como resultado uma boa colheita, pois segundo eles, a pessoa não morre, ela foi plantada no útero da Terra. Dessa forma, ao visitar a cova de um parente que já se encontra em outro plano, os Potiguara acreditam receber suas energias. Por esse motivo é que os cemitérios para eles, são considerados lugares de poder.

As encruzilhadas são parte do imaginário indígena Potiguara da Paraíba porque acreditam no poder que esses lugares possuem e na força que eles podem manifestar na quebra de alguma maldição que é lançada sobre uma pessoa. Segundo os mais velhos, nas encruzilhadas se cruzam os sentidos, no momento em que os indivíduos passam pelo local do cruzamento de caminhos. Por essa razão, os mais velhos acreditam ser nesses lugares onde os espíritos se encontram e onde se realizam trabalhos espirituais. As encruzilhadas são também lugares onde se executam ritos, por ser um ambiente onde os mais antigos costumavam enterrar os recém-nascidos que não eram batizados.

De acordo com a tradição, as pessoas que tinham fé ao passarem pelas encruzilhadas, sempre ouviam o choro das crianças que no entendimento dos mais velhos, estavam pedindo o batismo. O choro sempre ocorria por volta das seis horas da manhã, ao meio dia e às seis horas da tarde (MENDONÇA, 2014). Entretanto, acredita-se que nas encruzilhadas tanto se faz o mal como se faz o bem, a ação depende das intenções da pessoa que foi conduzida ao lugar para realizar algum trabalho espiritual. Por serem lugares onde se promovem trabalhos espirituais, as encruzilhadas para os indígenas tornaram-se espaços de encanto por possuírem poder de curar enfermidades e de resgatar almas dos abismos da condenação eterna.

Os indígenas sempre costumam também visitar o terreiro Potiguara, por considerarem um espaço de sacralidade, e lugar de se promover rituais, como o rito Toré. O terreiro sagrado pode ser visitado durante as festividades do Abril Indígena (o tradicional Dia do Índio – 19 de abril), onde o povo indígena se reúne para os festejos da tradição, mantendo sempre o vínculo espiritual com a atmosfera, com os encantados e com a divindade. Porém, lá podem ser executados outros ritos tradicionais, como por exemplo, ritos de colação de grau do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. O terreiro Potiguara também pode ser visitado quando o indígena quer viver um pouco da intimidade com a mãe natureza e deseja encontrar-se consigo mesmo e com a divindade. É, dessa forma, um lugar de festejos e de silêncio, de meditação, preservação e espiritualidades.

Os rios também são sagrados para os Potiguara. A água simboliza a vida, a pureza. Assim como as matas se tornaram lugares de encontro, as águas tornaram-se elementos de experiências subjetivas por serem espaços onde moram os seres invisíveis que no imaginário indígena são dotados de poder e de reverência. Na água doce moram os espíritos. A esse respeito, Palitot (2005, p. 11) reforça com a premissa dizendo que, “[...] Os mangues e as águas

constituem habitações de entidades e que apenas os caboclos mais antigos tinham a faculdade de tratar intimamente com esses seres.”

No que se refere à água salgada, os antepassados indígenas promoviam os seus rituais abrindo o primeiro dia do ano novo com uma caminhada em direção à praia. Os mesmos saiam de casa logo cedo antes do amanhecer, trazendo consigo uma vasilha. Ao som de músicas entoadas, seguia o cortejo caminhando aproximadamente mais de cinco quilômetros. O objetivo era buscar o sol e trazer com ele a esperança para o ano que acabara de chegar.

Ao retornar às suas residências, os ancestrais indígenas traziam na vasilha um pouco de água salgada como símbolo da pureza. Com o passar do tempo essa prática tornou-se bastante conhecida entre os mais velhos que consideram um ritual de muito respeito.

Dentre os espaços sagrados dos Potiguara, as furnas também aparecem como símbolo de hierofanias. São habitações erguidas pela própria natureza e que de acordo com alguns depoentes, serviam de esconderijo contra os apresadores indígenas que no século XVI perambulavam pela costa nordestina para escravizar os ancestrais Potiguara. Por se tornarem lugar de refúgio, os espaços das furnas também passaram a ser reconhecidos como lugares de ritos tradicionais e cristãos. De maneira uniforme, as furnas são cobertas de vegetação do bioma da mata atlântica, como árvores do tipo cupiúba e alguns cajueiros.

Esses lugares solitários, porém, de grande riqueza espiritual, contam apenas com a ação do vento e com a presença de alguns pássaros como: sabiá, pardal entre outras que com seus cantos quebram o silêncio do ambiente, envolvendo-o de grande harmonia. É também na furna que os indígenas buscam energias para iniciar o rito Toré.

A seguir, visualizamos as furnas localizadas próximo ao terreiro sagrado, na aldeia São Francisco, no município de Baía da Traição-PB (Foto1). Esse é o

primeiro lugar sagrado, comumente, visitado durante a realização do ritual Toré.

Foto 1 - Furna Potiguara, aldeia São Francisco, Baía da Traição-PB



Fonte: MENDONÇA, 2014, p. 212.

Segundo os remanescentes de São Francisco, as furnas são consideradas espaços religiosos, de tal maneira que esses indígenas, “[...] creem que lá residem os antepassados.” (PALITOT, 2002, p. 82). Sendo lugar de comunhão e de encontro com as forças supremas, os Potiguara acreditam receber espíritos e manter correntes com eles.

A esse respeito, o Sr. Francisco José dos Santos (Informação Verbal, *apud* MENDONÇA, 2014, p. 211), nos revelou que “Os antepassados visita as furna e mora lá. O sagrado mexe cos morto e cos vivo.” A furna dessa forma, se apresenta como lugar do imaginário Potiguara e morada dos ancestrais, ambiente de luz e de energia que fortalece a cada dia o vínculo da etnia com a eternidade.

Observando os lugares sagrados da tradição Potiguara, percebemos assim que a natureza é parte integrante na cosmovisão indígena, tornando-se cenário de revelações sobrenaturais, incorporações de espíritos, produzindo no imaginário daquele povo, um ambiente de forte espiritualidade.

4 - Etnoeducação Potiguara: pedagogia e memória dos Troncos Velhos

Sem a experiência, não há como repassar conhecimento; sem conhecimento não há como transmitir valores. Os valores movem e edificam um mundo de significados. De alguma maneira, os valores se constituíram em paradigmas que foram socializados e, no decorrer do tempo, se edificaram enquanto modelo do pensamento coletivo. No decorrer do tempo, alguns valores sobrevivem; outros são sepultados com as gerações passadas. Todavia, o que foi dito e ouvido, pode ser ressignificado.

Compondo um mundo de significados no meio de determinadas culturas, a memória se apresenta como instrumento de reatualização do passado e de recordações que ficaram preservadas ao longo das gerações. É ela que organiza o conhecimento, as lembranças e as experiências vividas. Nesse conjunto de representações movidas pela ação do pensamento, o passado se torna presente. É bem sabido que os acontecimentos do passado possuem como veículo do tempo, aqueles que viveram mais e conseguiram de alguma forma partilhar suas heranças, tanto pessoais como coletivas, porque se integraram ao um grupo de indivíduos historicamente situados. Carregando consigo muitas memórias, tornam-se monumentos vivos de uma história não escrita, que marcou a existência de gerações de nativos.

Jacques Le Goff (1992), reforça essa ideia, ao explicar a importância do monumento para a preservação da uma história. O autor traz o conceito de memória, ao se referir ao guardião da memória como aquele que guarda para si

o que tem de herança para o grupo. A partir da memória, cada guardião apresenta a sua verdade sobre o passado. Como defensor de uma identidade, ele encaminha mecanismos para que essa memória não se perca, mesmo depois de concluída as jornadas da existência de cada um desses sujeitos. Na condição de perpetuadores da memória, reúnem as novas gerações, se dedicam a falar nas comunidades, com o objetivo de que as palavras se tornem modelo de conduta e de repercussão da cultura.

Esse mesmo pensamento é partilhado com Eliade (2017), quando ao elaborar estudos comparados entre as variadas culturas, ele diz que cada grupo social elege o seu patrimônio de sacralidade. Então, não só os lugares são reverenciados, mas as pessoas e o que elas trazem consigo enquanto portadoras de conhecimento, de uma visão de mundo que se manifesta em ensinamentos, podem se tornar sagradas. Por esse motivo, existem indivíduos que são cuidados, amados e se constituem como patrimônio imaterial para a fé religiosa. De acordo com Pitta (2005), os símbolos, quaisquer que sejam, são codificados pelos indivíduos e vão além de sua representação material e funcional para adquirir valor imensurável. (CAVALCANTI; CARMONA, 2018).

Os anciãos Potiguara, se tornam eixos emblemáticos nesse processo de etnogênese sob o qual se move os valores da ancestralidade indígena. São as suas histórias de vida que lhes colocam em lugar de destaque na vida da comunidade, e dão propriedade para falar e discutir outros assuntos que dizem respeito à etnia Potiguara. São a voz de peso, quando o assunto é reconhecimento das famílias indígenas para cadastramento junto ao órgão Fundação Nacional do Índio (FUNAI), nas rodas Toré, são eles que permanecem no centro do círculo levando e conduzindo os rituais. Para Arruti (1995, p. 77 *apud* NASCIMENTO, 2012):

Os Troncos Velhos servem como reserva de memória, de cultura e de religiosidade – trazendo em si um passado real ou

imaginário, que passa a fazer parte do presente, o informa, o justifica e o organiza – e não apenas como lembrança ou resgate. Essa relação é traduzida pela metáfora vegetal que fala do progresso e ramificado crescimento de um mesmo ser, que se amplia e nesta ampliação vai dando origem a novas partes entre si, natural e inevitavelmente mais distantes e mais frágeis com relação às heranças dos antepassados, mas ainda fazendo parte de uma mesma realidade.

Irmanados pelo espírito de luta e de resistência, os anciãos se confundem com a cosmogonia e assumem a configuração de troncos para levar nutrientes das raízes às gerações de “ponta de ramas”. Nessa visão de mundo onde os elementos da natureza se diluem, os fios da memória se apresentam como força viva na construção de alteridades e de identidades.

Por isso, falar da educação indígena Potiguara corresponde, para nós, dialogar com a memória e a arte de educar que direciona a uma série de fatores. Os Potiguara carregam consigo uma história que se fortalece a cada dia por meio de seus ensinamentos que se desdobram de várias maneiras: na pintura, nos artefatos através da criatividade dos trabalhos manuais da arte plumária e da confecção de outros utensílios, como: saiotes de jangada e colares de sementes; no subjetivo por meio das crenças; nos rituais, revelando uma espiritualidade; no contínuo vínculo com a Mãe Terra e seus encantos (o mundo visível) e, sobretudo, na arte de contar e recontar o que lhes fora ensinado. Essa influência que os troncos velhos exercem na vida da comunidade Potiguara, se explica por se tornarem portadores da história oral e guardiões dos ensinamentos deixados pelos antepassados indígenas. Para Nascimento e Silva (2017, p. 75), essa nova forma de transmissão de conhecimento traz ao grupo sentido e existência, de modo que,

A pedagogia indígena Potiguara fundamenta-se em compreender a lógica da existência de si, do outro e do cosmo. Trata-se em aprender a viver e viver em sintonia com os elementos essenciais que garantem a sobrevivência da etnia. As

situações de aprendizagens se confundem com o cotidiano das aldeias e o currículo escolar apresenta-se dinâmico, dando destaque para os saberes da tradição. Lidar com a pedagogia existencial significa investir em ações que oportunizem o aprender com a natureza, com os anciãos (os Troncos Velhos), a viver a comuna, partilhar, valorizar as tradições e a práxis.

A memória desses anciãos é um legado, porque abarca o universo da “[...] subjetividade envolve sentimentos e pensamentos mais pessoais [...] a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade.” (SOUZA 2012, p. 56). Trazendo como modelos a experiência e o exemplo de vida, são eles responsáveis pela missão que exercem com cuidado de repassar aos mais novos os ensinamentos deixados pela ancestralidade Potiguara.

No imaginário Potiguara, são os mais velhos das aldeias que partilham conhecimento em torno de histórias de vida e valores da tradição (CAVALCANTI, 2010). Movidos por suas experiências transcendentais, considerados por todos como guardiões da memória, os mais velhos do lugar, saem do plano material para adentrar a cosmogonia, configurando-se em *Troncos Velhos*⁵ por sustentarem a tradição do seu povo (MENDONÇA, 2014), por esse motivo, são considerados guardiões de memórias-monumento.

Essa ideia é partilhada por Le GOFF (1992), ao falar do monumento. O autor vai dizer que toda produção humana pode se tornar um monumento, não somente uma edificação, mas qualquer registro válido no espaço e no tempo, pode servir como instrumento para explicar um acontecimento passado. Aquilo que foi guardado na memória, pode ser esquecido ou ressignificado, mas não perde a sua essência nem autenticidade.

⁵ “Pessoas com idade acima de 70 anos e residentes na aldeia São Francisco. Conhecidas por todos como Troncos Velhos por guardarem consigo os ensinamentos e as experiências da ancestralidade indígena. Através da oralidade, esses sábios anciãos repassam os ensinamentos aos mais novos para que estes deem continuidade ao legado Potiguara.” (MENDONÇA, 2014, p. 14).

Levando em conta essa afirmação, podemos considerar que a memória de um ancião, assim como a arte de educar contida nele, podem ser considerados documentos vivos porque,

[...] o documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante os quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 1992, p. 547)

Apesar de ofuscado, seu conteúdo permanece latente, porque transpôs os limites do tempo e, aquilo que ficou, serve como instrumento de ensino para uma dada realidade. Por essa razão, a prática educativa do ancião, segundo a tradição, é lugar de reverência, uma vez que ele traz a força da ancestralidade, pela experiência e, sobretudo pelo exemplo. Segundo Barcellos e Nascimento (2012, p. 23),

A figura expressiva do ancião e seu papel de mantedor das tradições na aldeia tem papel tem visibilidade no movimento de emergência [...]muitos dos seus ensinamentos são de grande sutileza e precisa do momento certo, do lugar e da pessoa certa para serem repassados, compreendidos e perpetuados.

Os anciãos Potiguara, se apresentam de maneira atuante, no caminho de buscas constantes pelas origens do seu povo. São eles que ensinam e provocam através de suas práticas educativas, o movimento de resistência, com o objetivo de fortalecer a cada dia o legado da tradição Potiguara.

No plano da pedagogia versada pelos Troncos Velhos, está como foco o cuidado com as crianças da aldeia, também conhecidas como “pontas de rama”. Para eles, torna-se necessário repassar os ensinamentos aos pequenos, uma vez que estes darão continuidade ao legado da etnia indígena Potiguara.

Observando essa conduta, estruturada em visões de mundo e valores, defendida pelos mais velhos, logo, necessariamente, torna-se importante saber que “[...] não existe cultura sem educação. Cada pessoa que se aproxima de uma criança e com ela fala, conta histórias, canta canções, faz gestos, estimula, aplaude, ri, [...] é um professor que lhe descreve esse mundo inventado [...]” (ALVES, 2010, p. 20), cheio de perspectivas no reencontro com o passado vivido.

A arte de educar desses protagonistas, se apresenta com uma roupagem diferente, longe do modelo de uma educação formal, porque eles trazem consigo uma herança movida por sentimentos, nostalgias, que se manifestam de tantas maneiras. Por esse motivo, a oralidade desses personagens, se configura em forma de educação diferenciada, cujos valores se traduzem numa pedagogia da existência, cujo propósito é não perder de vista o legado de suas tradições.

Sobre os lugares onde ocorrem as práticas educativas Potiguara, vale dizer que não existe hora nem lugar certo para partilhar conhecimentos da tradição: a qualquer momento, esse ato social pode acontecer. Essa ideia reforça bem o pensamento de Nascimento (2017), quando afirma que são nos espaços de convívio e nas ações cotidianas, assim como nos ritos da cultura que a educação indígena se manifesta.

A memória desses anciãos é uma herança, porque abarca o universo da “Subjetividade envolve sentimentos e pensamentos mais pessoais [...] a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade.” (SOUZA, 2012, p. 56). São eles que, desde cedo, conduzem também os mais jovens, e lhes transmitem valores, ensinam-lhes a lidar com a natureza e seus elementos, e fazem os curumins perceberem nos ecossistemas, o fundamento de suas raízes.

É sob esse olhar diferenciado na forma de conduzir o conhecimento, que o indígena adquire uma consciência ecológica, valorizando a vida em suas

múltiplas dimensões. Ademais, esses protagonistas vivem em torno da defesa de uma educação diferenciada dos modelos das escolas convencionais, e se define a partir da Lei 9394/96, Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional, que considera a realidade dos povos indígenas, de maneira a “[...] proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências” (BRASIL, 1996, Art. 78, inciso I).

De certo modo, o documento reforça a determinação de que não existe educação indígena sem os anciãos. Seguindo o mesmo pensamento, Freire (2020), defende que é preciso promover uma relação dialética com as diferentes identidades e maneiras de viver do homem; e não só conhecer, mas sobretudo, reconhecer diferentes atores sociais e suas práticas pedagógicas.

Os Troncos Velhos existem enquanto componentes de riquezas culturais, identitárias e espirituais, e dos conteúdos de uma memória que não se perdeu no tempo. Junto com as lideranças locais, são a voz da comunidade, pois é a partir deles que a cultura e a identidade se firmam no cotidiano das aldeias Potiguara. Longe de passar conteúdos, os anciãos Potiguara ensinam os mais jovens a refletir e a agir com sabedoria sobre os valores da cultura, na certeza de que sua prática deve ser pautada pela ética e reconhecimento da própria identidade cultural (FREIRE, 2020).

A luta constante pela tentativa de definir uma educação que contemplasse os valores da tradição Potiguara, fez gerar ao longo do tempo, estratégias de como incluir todos os elementos da tradição indígena em torno de uma educação diferenciada, que levasse em conta a voz e a vez desses protagonistas e suas experiências significativas. O Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas (PROLIND)⁶ e as Assembleias

⁶ “O Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas - PROLIND é uma iniciativa deste Ministério [Educação], por intermédio da SECAD, SESu e FNDE, em cumprimento às suas atribuições de responder pela formulação e desenvolvimento de

Gerais Potiguara, representam uma dessas estratégias que contribuem para a edificação de uma educação movida pelo desejo de etnicidade e de identidade étnica.

5 - O PROLIND e o papel dos anciãos em torno de uma educação diferenciada

Dentro do cenário histórico que envolve educação, é importante compreender que os povos indígenas possuem um modelo de educação proposto como diferenciado, porque próprio da cultura indígena, integra os temas da vida cotidiana, da visão de mundo, dos valores e da identidade, como requisitos importantes, cujo alicerce se estrutura em torno de uma educação pautada pela diferença, que contemple os princípios da tradição. Entre os povos indígenas e a proposta de educação, está a força do cosmo que direciona a sua vida e suas emoções.

Percebendo essa forma lógica de conduzir saberes, é importante saber que no interior das aldeias Potiguara existem escolas que possuem esse diferencial, onde as principais atividades diferenciadas desenvolvidas em algumas delas contemplam os seguintes eventos: a Semana Cultural, Semana Ambiental e a Semana da Conscientização Indígena. Complementando os componentes curriculares oferecidos pelas instituições, citamos também como destaque o ensino da língua Tupi Antigo, bem como de outras disciplinas, como a Etno-história, EtnoGeografia, Arte-Cultura e Antropologia. Todo esse complexo vem munido de valores em torno da ressignificação da cultura

programas específicos para apoiar a formação de professores para o exercício da docência aos indígenas, em nível superior. O PROLIND apoiará projetos de Cursos de Licenciaturas específicas para a formação de professores para o exercício da docência aos indígenas, que integrem ensino, pesquisa e extensão, promovam a valorização do estudo de temas indígenas relevantes, tais como línguas maternas, gestão e sustentabilidade das terras e culturas dos povos indígenas, e possibilitem a oferta da educação básica intercultural nas escolas indígenas.” (BRASIL, 2008). O programa foi criado em 2008.

Potiguara. São ações em que oportunizam não somente os estudantes inseridos no cotidiano escolar, como também a própria comunidade participa e trata com muito respeito às atividades propostas pela instituição de ensino (MENDONÇA, 2014)

Atualmente, juntamente com a categoria de escola indígena, está se criando também a categoria de professor indígena. Sobre essa questão, os membros da Organização dos Professores Indígenas do Estado da Paraíba (OPIP) estão com a responsabilidade de reunir professores das 33 aldeias Potiguara, em torno de um objetivo comum: unir a própria categoria em torno de direitos específicos em prol de uma educação indígena diferenciada para o povo Potiguara (MENDONÇA, 2014)

Uma das propostas é a defesa de um concurso específico para atender a demanda de educadores residentes nas aldeias indígenas situadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. A educação escolar indígena está abrindo perspectivas quanto ao futuro dos Potiguara no que se refere à metodologia, formação de educadores e cursos específicos na área de educação escolar indígena, construindo assim um espaço de contribuição para o fortalecimento da identidade dos indígenas que habitam o Litoral Norte do Estado da Paraíba.

Como complemento de uma educação que contemple os princípios norteadores da tradição, a etnia também conta com o apoio do PROLIND. O referido Programa é resultado de busca constante por uma educação escolar indígena diferenciada.

A partir de 2004, sob a força de pressões sociais, foi que se tornou possível pensar numa escola indígena constituída pela diferença. O PROLIND vai se conectar a esse aspecto, buscando a promoção de uma educação sob nova perspectiva, objetivando assim, se estruturar a partir das memórias e das histórias do Povo Potiguara.

Os Potiguara vêm lutando há bastante tempo por uma educação diferenciada que leve como conteúdo para as escolas os ensinamentos dos mais velhos, além de objetivar conhecer o processo histórico sob o qual se firmou a sua própria identidade. Para isso, buscaram em instituições públicas uma parceria privilegiada tendo como objetivo a formação de professores indígenas, seguindo os seguintes propósitos: a) a criação de projetos pedagógicos; b) a criação de cursos; c) a manutenção desses cursos específicos (MENDONÇA, 2014)

O PROLIND está presente nas aldeias, e foi criado a partir das oficinas, do diálogo entre professores indígenas e lideranças. Uma das características do programa de formação docente é reconhecer a diversidade e a interculturalidade no meio da etnia Potiguara.

A educação que move o povo Potiguara consiste na afirmação de universos subjetivos emanados por laços biológicos, ações cotidianas e se expressa enquanto movimento de resistência partilhado no meio da comunidade. É uma estratégia que não se construiu no vazio, mas congregou diversos elementos que construíram a base do ser no mundo. Palitot, (2005, p. 09), ao se dirigir aos Potiguara, confirma essa ideia, afirmando que,

Por mais que os processos históricos tenham trazido modificações ao campo social, existiram elementos de ordem sociológica que permitiram a manutenção e a positividade de uma identidade étnica indígena que serviu de abrigo à existência dos Potiguara enquanto grupo dentro de uma sociedade regional e nacional.

A educação Potiguara se conecta a elementos, onde os indígenas se tornam conhecidos pelas suas histórias, sob as quais se estruturam os ritos e o próprio movimento indígena, que sobrevivem enquanto mecanismos de buscas e de reivindicações no meio dessa gente.

De alguma forma, representam uma maneira de levarem o mundo a compreender que ainda permanecem de pé para a luta. As assembleias que são promovidas no meio da etnia são também reivindicações para a garantia de direitos em meio à sociedade global e seus atrativos.

Considerando o papel de extrema importância no processo de construção de uma educação movida pelo diferencial da cultura e, sobretudo, pelo espírito de luta e de resistência da etnia Potiguara, os anciãos, ao lado da juventude, ocupam lugar de reverência por trazerem consigo ensinamentos e práticas educativas da tradição indígena.

Os Potiguara caracterizam-se por uma postura política de organização para uma militância a favor da causa indígena. A seguir, temos o registro fotográfico (Foto 2), de uma das sessões plenárias de discussão sobre questões indigenistas na Aldeia Mãe:

Foto 2 - Assembleia Geral Potiguara, Aldeia São Francisco, Baía da Traição-PB



Fonte: MENDONÇA, 2014, p. 53.

Falar da tradição, da identidade e do processo de resistências, é sobretudo, entender a caminhada no decorrer do processo histórico, para assim compreender a simbiose entre o tronco, a etnoeducação e a memória, enquanto elementos de significação no processo de emergência étnica de uma determinada cultura. No mundo Potiguara, não há como entender esses elementos separados, uma vez que estão interrelacionados no processo de reconstrução de suas identidades e preservação da própria existência.

Considerações Finais

No decorrer das discussões que se movem em torno deste artigo, buscamos apresentar a trajetória dos Potiguara enquanto perpetuadores de uma tradição. No processo de reconstrução de suas origens, surgem elementos significativos com a intenção de denunciar um legado em torno das raízes ancestrais. Embora ressentidos pelas marcas de um passado excludente e opressor, os indígenas não se sentem sozinhos porque se refazem a cada dia nos atos celebrativos, nas ações cotidianas e na arte de educar a sua gente. Toda essa filosofia de vida envolve sentimento de afeto sobre a Terra, o ente feminino, onde se escondem as energias vitais e a força dos antepassados Potiguara. É nesse campo enriquecido por uma cosmologia de múltiplas significações que se revela uma pedagogia emanada de saberes existenciais, pois da relação com a terra, nasce uma consciência ecológica, cujo propósito é a preservação das espécies que contém a fauna a flora. É lá onde se encontram lições de vida.

Os Potiguara guardam consigo mais de quatro séculos de história, realidade que justifica a persistência de permanecerem no mesmo espaço depois de tanto tempo. Espaço esse, que simboliza a história dos antepassados e

a resistência em manter vivas as tradições. Diferente dos embates que se deram nos tempos de guerra e de conquistas, os Potiguara utilizam outras armas como garantia de sobrevivência da própria cultura. No caminho de ressignificação das origens, estão os guardiões de uma tradição milenar que se expressam em torno de uma prática pedagógica constante e da etnoeducação Potiguara. Os sábios anciãos se apresentam como eixos centrais no processo de transmissão do conhecimento, considerando assim, os espaços da natureza enquanto lugares de transcendência e de comunhão com os encantados e os antepassados. Como portadores dos valores culturais e ancestrais, incentivam professores e lideranças indígenas a se moverem na causa por uma educação diferenciada, conduzindo a sociedade Potiguara a se engajar em diversos movimentos.

A experiência contida e a propriedade com que repassam os ensinamentos para sua gente, fazem desses personagens instituição imortalizada da cultura e da memória Potiguara, porque refazem o caminho de retorno às origens e trazem consigo uma bagagem com suas histórias e memórias que se expressam em torno de uma educação moldada pelo espírito coletivo, para edificar valores espirituais e sagrados no meio da etnia e, sobretudo, na vida comunitária. Nos ensinamentos compartilhados por eles, se constroem laços de afetividade, o espírito da comuna e do respeito mútuos.

Vivendo sob os enalços da memória enquanto mecanismo de busca e de revalorização do passado, os mais velhos falam incansavelmente e reinventam a tradição, estruturam uma lógica sob a qual também se fundamenta uma Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2020), porque levam os mais jovens e as crianças a adquirirem consciência, como ser social e histórico, tendo em vista a preservação de sua própria identidade.

O compartilhamento das memórias dos anciãos se torna um legado, pois abre uma nova fonte de conhecimento e de explicação sobre o passado Potiguara, reintegra a sociedade indígena aos seus mitos e lendas. Essa maneira

nova de reinventar a tradição, encontra na oralidade mecanismo de fuga que se traduz na pedagogia da existência, pois são eles que compõem a linha de frente na caminhada em busca da valorização da cultura indígena, ressignificando suas heranças históricas a cada dia. Entretanto, é possível entender que a responsabilidade dos mais velhos em dar continuidade à história do seu povo, ainda constitui um desafio face às mudanças que a cada dia são introduzidas no interior das aldeias. Aqui, nos referimos ao trabalho de conquista das novas gerações, crianças e jovens que precisam da continuidade às tradições Potiguara.

Apesar das lutas travadas na história e das marcas contidas do tempo, os Troncos Velhos travam uma luta nos dias de hoje, pois sabem que não podem mudar o seu passado, mas podem ressignificá-lo no tempo presente, para fortalecer as raízes dos ancestrais e suas próprias memórias. Memórias que se materializam na sacralização de espaços da natureza, na cadência dos rituais, na arte de contar e recontar, na confecção de utensílios e artefatos, na produção de remédios caseiros para a cura de enfermidades, na etnoeducação e no próprio movimento de emergência étnica.

Os Troncos Velhos, assumem conotações interiores, com dimensão de sacralidade, pois, ao se configurarem em tronco, saem do plano humano para ocupar o plano existencial, provocando sentimentos de pertença, e fortalecendo o espírito de identidade étnica e a espiritualidade daqueles que inclinam o ouvido para lhes escutar. Longe dos muros das escolas convencionais e da educação formal, a pedagogia dos Troncos Velhos se torna modelo que sobrevive na composição de uma herança movida por sentimentos e nostalgias, pois a memória do ancião representa a voz que não se cala.

As narrativas orais dos Troncos Velhos e seus ensinamentos, somados aos movimentos e reivindicações do povo Potiguara em conjunto com as lideranças indígenas, nada mais são que um apelo constante pela preservação

dos costumes e da história dos antepassados indígenas, valores que preservados até os dias atuais. Nesse composto orgânico de sobrevivência, se percebe um movimento de construção de um novo paradigma, uma nova maneira de ser indígena e de autoafirmação da própria identidade.

É sob essa lógica de argumentação, que os portadores da história oral dão o seu recado para o mundo, fazendo valer as suas causas e reivindicações para o seu povo, para mostrar que os valores da tradição ainda subsistem ao tempo e permanecem firmes nas furnas, nos rituais, sobretudo, na memória dos Guardiões das tradições de ser indígena no Litoral Norte do estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 2010.
- BRASIL. MEC. *Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas - PROLIND*. Diário Oficial: seção 3, Brasília, n. 121, p. 39, quinta-feira, 26 jun. 2008.
- BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº. 9394/96*, de 20 de dez. 1996. Diário Oficial da União, nº 248 de 23. 12. 1996. Seção I. Brasília/DF.
- BARCELLOS, Lusival; SANTOS, Carmen Lúcia dos Santos. Terra, água, ar, fogo no Ritual Potiguara: um diálogo entre espiritualidade e vivência na Biodança. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS: PAULO FREIRE, EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA, OUSADIA E LIBERDADE*, 6., 2018, Mamanguape-PB. *Anais [...]*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018. p. 99-107. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/secampo/>. Acesso 02 mar. 2020.
- BARCELLOS, Lusival A.; NASCIMENTO, J. M. *In: NASCIMENTO, José Mateus do (org.). Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições*. João Pessoa: Ideia, 2017.
- BARCELLOS, Lusival *et al.* *Diversidade Paraíba: Indígenas, Religiões Afro-brasileiras, Quilombolas, Ciganos*. João Pessoa: Grafset, 2014.
- BARCELLOS, Lusival Antonio. *Práticas Educativo-Religiosas dos Índios Potiguara da Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- BARCELLOS; Lusival Antonio. SOLLER, Juan. *Paraíba Potiguara*. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.
- CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula; CARMONA, Raquel M. *O que se vê nas Religiões? Imaginário, História e Diversidade*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

- CAVALCANTI, Carlos André. *O imaginário da intolerância: inquisição, ciência e ensino (não) religioso*. João Pessoa: Editora Universitária; Videlicet, 2010.
- CLASTRES, Hélène. *Terra sem Mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- COQUEIJO, Fernanda Luna Maciel. *Cota não é esmola: Análise da eficácia social da Lei nº 12.711/2012 para estudantes indígenas na Universidade Federal da Paraíba*. 2020. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*, Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2017
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e terra, 2020.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão, et al. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992
- MENDONÇA, Joselma Bianca Silva de Souza. *Entre o Tronco e o Monte: Convergências e Divergências dos Indígenas Potiguara e o Carmelo monástico da Paraíba*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do sul. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago. 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Windows7/Dawloads/16999-81551-1-PB/20 (2).pdf. Acesso em: 12 abr. 2020.
- NASCIMENTO, José Mateus (org.). *Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições*. João Pessoa: Ideia, 2017. 162p.
- NASCIMENTO, José Mateus do; BARCELLOS, Lusival Antonio. O povo Potiguara e a luta pela etnicidade. In: NASCIMENTO, José Mateus do (org.). *Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições*, João Pessoa: Ideia, 2017. p. 11-24.
- NASCIMENTO, José Mateus do; SILVA, Paulo Roberto Palhano. Educação escolar indígena. In: NASCIMENTO, José Mateus do (org.). *Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições*, João Pessoa: Ideia, 2017. p. 75-85.
- FARIAS, Eliane Silva de; NASCIMENTO, José M.; BARCELLOS, Lusival. O mito e o rito dos povos indígenas da Paraíba. In: NASCIMENTO, José Mateus do (org.). *Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições*, João Pessoa: Ideia, 2017. p. 39-49.
- HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.
- PALITOT, Estevão; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. *Índios do Nordeste*. Relatório de Viagem. Campina Grande: Laboratório de Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED); Museu Nacional, UFRJ, 2002.

PALITOT, Estevão. *Os Potiguara de Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura*. 2005. 225f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Duran*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, Rosineide Marta Maurício. O ritual toré no movimento político de emergência étnica. *In: NASCIMENTO, José Mateus do (org.). Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições*, João Pessoa: Ideia, 2017. p. 53-62.

Recebido em 10-05-2020.

Aprovado em 29-05-2020.